

QUESTÕES DE LINGUAGEM: OS GÊNEROS DO DISCURSO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Wilder Kleber Fernandes de Santana

Doutorando em Linguística - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Resumo: Esta análise reacentua as produções russas que contornam *os gêneros do discurso*, incidindo especificamente, sobre o sermão expositivo. Além do ensaio, há muitas outras produções de Bakhtin (2006 [1979]; 2008 [1929]; 2010 [1923-1924]), Volóchinov (2017 [1929]; 1930) e Medviédev (2016 [1928]) a tratar da questão. Propomo-nos, portanto, de forma breve e objetiva, a reinserir no âmbito das discussões em Ciências Humanas, novos olhares para os *gêneros do discurso*. O estudo aponta para a necessidade de comprometimento científico, por parte dos profissionais da linguagem, quanto à mobilidade dos aspectos teórico-metodológicos que circunscrevem uma temática densa e complexa, como a dos gêneros.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Ciências Humanas. Sermão expositivo.

Abstract: This analysis reaccentuate the russian productions that circumvent *the genres of discourse*, focusing specifically on the expository sermon. Besides that essay, there are many other productions of Bakhtin (2006 [1979], 2008 [1929], 2010 [1923-1924]), Volóchinov (2017 [1929]; 1930) and Medvedev (2016 [1928]) question. We propose, therefore, in a brief and objective way, to reinsert within the framework of the discussions in Human Sciences, new looks for the genres of discourse. The study points to the need for scientific commitment on the part of language professionals about the mobility of theoretical and methodological aspects that circumscribe a dense and complex theme, such as that of genders.

Keywords: Discourse genres. Human Sciences. Expositive sermon.

INTRODUÇÃO

Reconhecendo-se a amplitude alcançada pela dimensão (teórico-prática) da compreensão de gênero discursivo, concordamos com Brait (2012, p. 371) sobre a necessidade de que haja “o reconhecimento de que, em suas múltiplas filiações, a concepção de gênero implica dimensões teóricas e metodológicas diferenciadas, cujas consequências para a compreensão de textos e discursos não podem ser ignoradas”.

É então que, dentre as múltiplas e produtivas reflexões existentes, delimitamos o nosso arcabouço analítico no sentido de reacentuar alguns textos sobre gêneros do discurso, conforme o que foi desenvolvido ao longo de várias décadas pelos trabalhos de Bakhtin (1895-1975) e de outros membros do Círculo, tais como Medviédev (1891-1938) e Volóchinov (1895-1936).

Grande parte dos discursos ganharam notável volume nos documentos oficiais de ensino/aprendizagem e em materiais didáticos, o que implica, em relação aos profissionais da linguagem que o mobilizam, didática e/ou academicamente, que sejam responsáveis e responsivos ao considerar as dimensões sócio-históricas e de produção discursiva.

Esta análise se propôs a reacentuar os textos que subsidiam discussões em torno de *Os gêneros do discurso*, incidindo especificamente, sobre o sermão expositivo, que ainda não foi tão explorado dentro desse viés enunciativo-discursivo. Por mais que o ensaio mais conhecido, citado e reenunciado, de forma unívoca, seja *Os gêneros do discurso*, salientamos que há muitas outras produções de Bakhtin (2010 [1923-1924]), 2006 [1979]), Volóchinov (2017 [1929]; 1930) e Medviédev (2016 [1928]) a tratar da questão. Para composição desta nossa reflexão, fez-se imprescindível a leitura dos artigos *A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo*, de autoria de Brait e Pistori (2012) e *Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões* (SOBRAL, 2011).

O trabalho está subdividido em três seções: a primeira consiste em reacentuações sobre os gêneros do discurso, em que incidimos sobre os principais textos dos pensadores do Círculo de Bakhtin a fim de viabilizar outras fontes que não sejam o ensaio *Os gêneros do discurso*. A segunda seção desenha uma perspectiva inicial dos gêneros: diálogos com Problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária (1923-1924), enquanto a terceira aborda o caso específico do gênero sermão expositivo.

REACENTUAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO

Em nosso adentramento discursivo, não negamos a importância que há em todo o trajeto composicional do filósofo russo com relação ao ensaio *Os Gêneros do discurso* (2016, [1952-1953]). Nesta produção, Bakhtin desenvolve de forma detalhada a concepção de dialogismo ao estabelecer divergência(s) entre o enunciado concreto, compreendido como unidade da comunicação discursiva, e a oração, entendida como unidade da língua. Em tal produção, o autor notifica algumas particularidades do enunciado que o distinguem da oração, tais como: a alternância entre os sujeitos falantes e relativa estabilidade dos enunciados. As especificidades do enunciado, resguardada heterogeneidade que as constitui, territorializam a dimensão

dialógica da linguagem na medida em que assinalam a constituição do sujeito pela relação alteritária com o(s) outro(s) e seu(s) discurso(s).

Segundo Bakhtin (2016, p. 54, grifos nossos),

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma *interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros*. [...] Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Apesar do reconhecimento de sua imprescindibilidade quanto às modalidades de reenunciações sobre os gêneros, em nossa proposta, não limitamos o desenvolvimento teórico-analítico de gêneros ao que é proposto no clássico *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN (2006, [1979])¹). Ao nosso ver, constitui-se como um como um reducionismo racional focalizar o conceito de gênero do discurso a três elementos: *forma de composição, conteúdo temático e estilo*. Conforme se demonstra (em linhas breves), os gêneros do discurso transcendem essa conceituação.

Além disso, parte perceptível dos analistas detém o texto supracitado como a única fonte de escavação para a concepção de gênero do discurso. Delineiam de forma unidimensional, porém, em textos anteriores a este já podiam ser averiguados princípios do que Bakhtin iria desenvolver sobre os aspectos constituintes dos Gêneros.

Recorremos a Sobral (2011, p.39), atual professor e pesquisador brasileiro, que realizou um ato seletivo dos textos russos do Círculo de Bakhtin em que há recorrências ao conceito e desenvolvimento do gênero em perspectiva discursiva:

Marxismo e Filosofia da Linguagem (Volóchinov), em *O método formal nos estudos literários* (Medvedev), em Problemas da poética de Dostoievski, nos ensaios de *Questões de literatura e de estética* intitulados *O Discurso no Romance*, e *O conteúdo, o material e a forma na criação literária*, assim como em *O autor e o herói* – nestes últimos também em conexão com a importante (e negligenciada) questão das formas arquitetônicas –, e ainda no estudo sobre Rabelais, onde Bakhtin faz um longo “histórico de gênero”, em *Para uma filosofia do ato* e em *Arte e responsabilidade* (em

¹ O texto “Os gêneros do discurso”, de Bakhtin, escrito entre 1951-53, aparece na coletânea cuja primeira edição russa é de 1979, e foi traduzido por Paulo Bezerra. Está junto a outros textos no livro “Estética da Criação Verbal”.

que o conceito de “gênero” está, por assim dizer, “interiormente presente). (grifos nossos).

Nossa produção, porém, não adentrará a todos os textos, tendo em vista que o arcabouço renderia um amplo estudo.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin afirma que “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...] O gênero vive do presente mas sempre recorda o seu passado, o seu começo”. (2008 [1929], p.121). Em seu artigo sobre os gêneros do discurso, Brait/Pistori (2012, p. 376) afirmam que Bakhtin (2008 [1929]) traz, na conclusão de *Problemas da poética de Dostoiévski*, “importantes afirmações sobre gênero que respondem questões colocadas hoje em relação aos gêneros próprios das novas formas de comunicação”. Ainda de acordo com as autoras, estas formas comunicativas engendram por novos valores, assumidos pelo homem contemporâneo, no que tange a tempo/espaço, público/privado, efêmero/duradouro. Nesse vetor argumentativo,

Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...] Ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade. (BAKHTIN, 2008 [1929], p.340).

Brait/Pistori (2012) explanam, com bastante clareza, que, anteriormente à publicação da primeira edição de *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929), Bakhtin escrevera *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1923/1924), texto que, segundo Faraco (2009, p.96), tem como objetivo “[...] criticar o pensamento estético do formalismo russo (a que Bakhtin chama de estética material) e apresentar coordenadas básicas de uma estética geral sistemática (filosófica) a partir da qual se possa elaborar uma poética que supere a estreiteza da estética material.”

Em vias paralelas à produção de Bakhtin, Medviédev (2016 [1928])², outro estudioso e integrante do círculo, fornece informações valiosas para uma concepção de gênero na

² Especificamente na obra “O método formal nos estudos literários - Uma introdução crítica a uma poética sociológica”, no capítulo “Os elementos da construção artística/O problema do gênero”.

perspectiva de que a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos, articulando *interior e exterior*, “viabilizando a noção de sujeito histórica e socialmente situado” (BRAIT, 2012, p. 373). Ao expor de forma crítica o último problema abordado pelos formalistas russos, *o gênero*, Medviédev afirma que o significado de gênero formulado através do método formal alcançou um retardamento como “uma consequência direta e inevitável do fato de que o objeto inicial de sua teoria foi a linguagem poética, e não a construção da obra”. (MEDVIÉDEV, 2016, p. 193). Partirá dessa articulação para afirmar que

...o gênero é uma forma típica de todo o enunciado. Uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero. O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero... o gênero é uma totalidade típica do enunciado artístico... (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 193).

Em mesma perspectiva teórico-analítica, Volóchinov (2017 [1929]), no capítulo “Relação entre infraestrutura e superestruturas” trata da articulação entre formas e temas de cada ato de fala e como estes se vinculam às condições e tipos de comunicação verbal - os gêneros. Em outro capítulo, “A interação verbal”, retoma a discussão sobre as categorias dos atos de fala e sua ligação com a criação ideológica – o diálogo ininterrupto e inacabado na cadeia de comunicação verbal em seus vários tipos. Ganha, então, contundência, essa discussão, no artigo intitulado “A construção do enunciado/ enunciação” (1930), em que o estudioso se refere novamente aos tipos de enunciados comunicativos aos quais denominam gêneros.

Ao mencionar palavras que se enquadram em um gênero do discurso valorativo, que expressam, por exemplo, elogio, entusiasmo e encorajamento, Bakhtin (2006, [1979], p. 291) explana que “Em todos esses casos, não estamos diante de uma palavra isolada como unidade da língua, nem do significado de tal palavra, mas do enunciado acabado e com um *sentido concreto*: do conteúdo de um dado enunciado” (grifos do autor).

A orientação socioideológica do discurso também está presente nos documentos de Volóchinov. Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017 [1929]), o estudioso do Círculo reflete de forma exaustiva sobre a realidade fundamental da língua, em que dispõe de crítica(s) rigorosa(s) a dois sistemas hegemônicos das projeções filosófico-linguísticas de sua época: o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista.

Os representantes do objetivismo abstrato, influenciados pela Escola de Genebra (Ferdinand de Saussure), postulavam que a língua era exterior à consciência individual, um sistema abstrato de normas fixas, imutáveis e incontestáveis. Na perspectiva de Santana (2017), sobre a oposição de Volochínov (2017 [1929]) às duas tendências linguístico-filosóficas de sua época, na esfera da linguística, a primeira tendência tem Saussure (1857-1913) como seu maior representante, enquanto a segunda, Humboldt ([1769-1859], posto que as contribuições de Saussure estiveram para além dos limites da segunda tendência). Desse modo, “Saussure e Humboldt simbolizam duas grandes tradições do pensamento linguístico-filosófico que criaram raízes, desde os gregos pré-socráticos, em torno das reflexões sobre a linguagem” (SANTANA, 2017, p.33). A primeira tradição elenca a língua como expressão do pensamento, e a posterior como instrumento de comunicação.

Em alguns momentos dessa reflexão de Volóchinov, encontramos algumas formulações que dão consistência a essa compreensão:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor [...]. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 204-205, destaques do autor).

São perceptíveis, nesse instante, diálogos Medviédev, o qual, na década de 1920, formulara que

Gênero é um conjunto dos meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 200).

A significação da palavra, portanto, está se referindo à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. Assim, na ótica do teórico russo, a entonação expressiva, que se entende distintamente na execução oral, é compreendida como um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto do seu discurso.

No processo de *expor oralmente*, um dos pontos fundamentais é o que está ligado aos fenômenos psíquicos de simpatia e antipatia entre os homens em contato direto (BAKHTIN, 2006 [1979]). A temática da simpatia é explorada em Bakhtin (quanto a aspectos de interação) tanto na reenunciação freudiana (de ordem biológico-ética) quanto estético-discursiva. Assim,

afirma o teórico que não há possibilidade de alguém ser autor de seu próprio valor, do mesmo modo que ela não pode levantar-se pelos cabelos. “A vida biológica do organismo só se torna um valor apenas na *simpatia* e na compaixão do outro (materna) por ele; assim, ela se insere em um novo contexto axiológico”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 51).

Dessa forma, percebemos a transposição do valor de um ser enquanto elemento biológico para um novo centro de valores. Ainda que esteja falando acerca do plano estético, em críticas à estética expressiva, afirma Bakhtin que é justamente a *simpatia*, ou empatia simpática, e só ela, “que tem força para combinar harmoniosamente o interior e o exterior de um plano único”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 75). Nessa linha expositiva, percebemos o quanto a empatia se torna chave tanto no estético-ético quanto no cognitivo, na obra bakhtiniana.

UMA PERSPECTIVA INICIAL DOS GÊNEROS: DIÁLOGOS COM PROBLEMA DO CONTEÚDO, DO MATERIAL E DA FORMA NA CRIAÇÃO LITERÁRIA (1923-1924)

No plano artístico, no que concerne aos fenômenos e movimentos excedentes necessários à atividade estética, é de fundamental importância entender os procedimentos de compreensão de um texto literário (objeto estético). Para tanto, é preciso adentrarmos no texto “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (BAKHTIN, 2010 [1924]), “efetuado no período de uma vasta discussão sobre a problemática e a metodologia geral dos estudos literários” (Nota da edição Russa, 1924, p.9). Este trabalho consiste em “uma tomada de posição sobre esse diálogo metodológico” (Nota da edição Russa, 1924, p.9).

Logo na primeira parte, em *Crítica da arte e estética geral*, Bakhtin infere que

Nenhum valor cultural, nenhum ponto de vista criador pode e deve permanecer no nível da simples manifestação, do fato puro de ordem psicológica e histórica; somente uma definição sistemática na unidade semântica da cultura superará o caráter factual do valor cultural. A autonomia da arte é baseada e garantida pela sua participação na unidade da cultura, tanto que a definição sistemática ocupa aqui um lugar não só singular, mas também indispensável e insubstituível. (BAKHTIN, 2010 (1923-1924), p. 16).

Em outros termos, o que Bakhtin formulara bem antes da formulação do ensaio *Gêneros do discurso* é que não há como um objeto estético (artístico ou literário) ser deslocado de sua realidade cultural, semântico-axiológica. Caso haja esse deslocamento, este perderá seus valores, sua trama dialógica, seus sentidos plurivocais. No nível ético, podemos pensar nas vias do discurso: quando um discurso é manifesto, existe o real instante da exposição, mas também o de completude, o momento em que o sujeito enunciador, revestido de movimentos exotópicos, completa o(s) seu(s) interlocutor(es), atribui seus tons possíveis, e é constituído por eles.

No clássico *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*³, Bakhtin (2010 [1923-1924]) discute, dentre outras coisas, um aspecto essencial à concepção do gênero: a diferença entre forma composicional e forma arquitetônica.

O filósofo soviético, no concernente a estas categorias, apresenta a visão do Círculo em relação à forma, ainda na primeira parte do texto. Diferencia os dois tipos de forma exemplificando: enquanto o drama seria uma forma composicional, o trágico e o cômico seriam formas arquitetônicas. Com isso, pretende mostrar que cada forma arquitetônica é realizada por meio de formas composicionais definidas. *O drama, por exemplo, constitui uma forma composicional (a partir do diálogo, do desmembramento em atos, etc.). Por seu turno, o trágico e também o cômico são formas arquitetônicas de realização.*

Apesar de a forma do lírico ser arquitetônica, há formas composicionais de poesias líricas. Nas palavras do teórico soviético, “O humor, a heroificação, o tipo, o caráter, são formas puramente arquitetônicas, mas é evidente que são realizadas por métodos composicionais definidos; o poema, o conto, a novela, são formas de gênero puramente composicionais” (BAKHTIN, 2010 [1923-1924], p. 24); Assim, Bakhtin dispõe de que elementos como o capítulo, a estrofe e o verso, são articulações puramente composicionais, apesar de poderem ser compreendidos de forma estritamente linguísticas, isto é, “independente do seu *telos* estético”. (BAKHTIN, 2010 [1923-1924], p. 24). Após essa disponibilização classificativa, o filósofo russo apresenta, de forma ético-conceitual e metodológica o que são cada uma das formas:

As formas arquitetônicas. são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento

³ Texto escrito entre 1923/1924 e inserido na coletânea “Questões de literatura e de estética - A teoria do romance”, publicada em 1975.

no seu aspecto de vida particular, social, histórica etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto-satisfazem tranqüilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade,

As formas composicionais que organizam o material têm um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica. A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional: assim, a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem - o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada - a dramática. Naturalmente, não é por isso que se deva concluir que a forma arquitetônica existe em algum lugar sob um aspecto acabado e que pode ser realizada independente da forma composicional. (BAKHTIN, 2010 [1923-1924], p. 25).

O teórico russo afirma, no concernente ao gênero romance, que as formas arquitetônicas constituem as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas do acontecimento em seu aspecto de vida particular, social e histórico, são realizações e aquisições. Consistem em formas de existência estética na singularidade de uma obra. A forma arquitetônica, então, escolhe uma forma composicional. (BAKHTIN, 2010 [1923-1924]).

Já no plano artístico, ao nos colocarmos diante de um mural renascentista, não é o simples olhar e a admiração que farão com que o sujeito-contemplador exceda o objeto. É necessário que haja a real vivência cultural histórica, sem a qual é impossível atribuir valores excedentes. Sem os movimentos artísticos, torna-se inviável o ativismo empático, que só é possível mediante a compenetração, vivenciamento, e retorno, para que de fora do objeto, possa-se experimentá-lo.

Eis algumas asserções do filósofo Bakhtin:

Desta forma, é o conteúdo da atividade estética (contemplação) orientada sobre a obra que constitui o objeto da análise estética.

Doravante denominaremos este conteúdo simplesmente como objeto estético, à diferença da obra exterior propriamente dita, que admite outras abordagens, e sobretudo a abordagem basicamente cognitiva, ou seja, uma percepção sensorial regida por um conceito.

Compreender o objeto estético na sua singularidade e estrutura puramente artística, estrutura que a partir de agora chamaremos de objeto estético arquitetônico, é a primeira tarefa da análise estética.

Depois, a análise estética deve abordar a obra na sua realidade original, puramente cognitiva, e compreender sua estrutura de forma totalmente independente do objeto estético: o esteta deve tornar-se um geômetra, um físico, um anatomista, um fisiólogo, um lingüista, como também o artista, até um certo ponto, é obrigado a sê-lo. Assim, a obra de arte literária deve ser compreendida inteiramente, em todos os seus momentos, como um fenômeno da língua, isto é, de modo puramente lingüístico, sem qualquer consideração quanto ao objeto estético que ela realiza, somente nos limites da conformidade científica que rege seu material.

Finalmente, a terceira tarefa da análise estética: *compreender a obra exterior, material, como um objeto estético a ser realizado, como aparato técnico da realização estética*. É claro que esta terceira tarefa pressupõe já conhecidos e estudados tanto o objeto estético na sua singularidade, como a obra material na sua realidade extra-estética. (BAKHTIN, 2010 (1923-1924), p. 22).

Tendo como base os pressupostos bakhtinianos, é necessário que um professor, ao trabalhar com um texto em sala de aula, ou um analista em sua atividade científica, explore as fronteiras semântico-axiológico-discursivas do texto. Que isso significa? Procurar explorar ao máximo não apenas a forma (se é crônica, conto, poesia) nem o material (verbal ou imagético, escultura de mármore ou de madeira), mas todos esses elementos articulados com o conteúdo. Todo esse *passo a passo* metodológico serve de suporte para ampliação dos horizontes na composição do texto *Gêneros do discurso* (2006 [1979]). É no imergir do conteúdo que surgirão todos os diálogos possíveis com outros discursos, os quais se dão nas fronteiras dos enunciados.

O GÊNERO DISCURSIVO SERMÃO EXPOSITIVO

Dentro de uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, esta análise pretende compreender o *sermão expositivo* a partir da abordagem dialógica da linguagem, analisado sob a forma de diferentes dimensões (extra)verbais, e de propostas de atuação e circulação deste gênero discursivo. Procuramos observar as possibilidades de sentido presentes no sermão, na busca de compreender como ocorre a apreensão das vozes sociais pelo sujeito e observando os efeitos discursivos a partir dos enunciados que se atualizam. Sob o viés do dialogismo, buscamos, assim, discorrer sobre o gênero em questão.

Primeiro vamos observar o que Lachler (1990) e Silva (1992) nos disponibilizam sobre a importância do sermão expositivo em diversos casos, e depois observar o que é refletido sobre este gênero, aqui elencado para estudo.

A eventicidade da *boa apreensão* das nossas palavras, envolvendo um ajustamento delicado da sua enunciação e até da sua escolha, sob o aspecto acústico, em vista das condições do auditório, são elementos imprescindíveis no processo comunicativo. Esses elementos de teor ético-cognitivo, quando nutridos, tornam-se virtuosos (ou não) para ocorrência do dialogismo.

Verifiquemos, então, o que nos disponibiliza Lachler (1990, p. 15) acerca de como deveria acontecer tanto a pesquisa quanto a composição do sermão, para o alcance uma exposição interativa:

I PESQUISA

1. Familiarização: percepções globais...
2. Exegese: no vernáculo e nos textos originais
3. Estudo bíblico indutivo do texto
4. Proposição Central

III COMPOSIÇÃO

1. As divisões principais
 2. As ilustrações (luzes)
 3. Conclusão (foco na decisão)
- Introdução (o ouvinte é fisgado)
4. Esboço do sermão (uma direção clara para todos)

Diante de tal método disposto pelo estudioso, observa-se que esse processo lógico dos passos de pesquisa e composição para as mensagens expositivas é importantíssimo na construção semântica, pois este direcionamento impulsiona a ocorrência do dialogismo no gênero em questão. Na perspectiva de Lachler (1990, p. 18), “O importante é que a mensagem seja esboçada, levando-se em conta que os ouvintes não podem visualizá-la. O pregador-mestre (Efésios 4.11) deve estimular a imaginação do grupo com palavras vívidas a uma lógica fluente”.

Dentro da proposta de exposição do sermão, há um procedimento metodológico em que se parte do formal (ou seja, em que se explora a estrutura) até o conteúdo temático. Torna-se notório que todos os elementos dispostos por Bakhtin tanto em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* quanto em *Gêneros do discurso* são cuidadosamente explorados, materializados no plano da enunciação.

No momento em que o ouvinte é fisgado, significa que a atenção dele está filtrada naquilo que está sendo enunciado pelo pregador, as palavras não estão simplesmente flutuando, mas elas estão penetrando e atravessando o âmago dos interlocutores. Esse *movimento discursivo* ou deslocamento semântico, na construção do dialogismo (Bakhtin (2006 [1979])), é utilizado aqui para simbolizar as ações dos interlocutores quanto à construção dos sentidos possíveis. O ato de compreensão ativa é constituído no momento de interação entre pregador/ouvinte/sermão que partilham o dito e o não dito.

As interações no processo de exposição do sermão revelam a importância de construir coletivamente o sentido da enunciação e de considerar os lugares e papéis ocupados pelos interlocutores no espaço eclesial. As práticas religiosas ou os *modos de enunciar* em Igreja ou outro lugar refletem não só a concepção de linguagem/leitura do pregador, mas também a relevância da interação expositor/ouvinte, expositor/enunciado e ouvinte/enunciado. Adotamos, aqui, a perspectiva dialógica ou linguagem como interação, e a atividade enunciativa no ambiente eclesial deverá pautar-se pela interação.

É imprescindível que todo pregador seja preparado, possua conhecimento teórico-teológico-bíblico e prático do que irá abordar no sermão e conheça também os aspectos histórico-biográficos dos autores com os quais manterá diálogo, as características de cada carta/obra, e saiba que esses elementos não podem ser dissociados do estudo do gênero escolhido, pois quando estão isolados não têm sentido completo e o ouvinte não compreenderá o texto como um todo, mas como algo fragmentado ou desprovido de significado.

Lachler (1990, p. 26), ao retomar a importância da luz da oratória, afirma que os pregadores “devem aprender a percorrer a todos os seus recursos culturais na tentativa de expor a Palavra de Deus”. Ao elencar algumas categorias *vantajosas* (na ótica do autor) para a eficácia interativa do sermão expositivo (LACHLER, p. 55-57), o escritor e conferencista introduz três pontos fundamentais para que ocorra diálogo pleno entre o pregador e seus ouvintes: 1) A pregação expositiva ser baseada em livros da Bíblia; 2) Eleição de temas espontâneos, para que ocorra interação; 3) O fator da nutrição. Ater-nos-emos, aqui, apenas na terceira categoria, ou *o fator da Nutrição*.

O fator da Nutrição é a terceira vantagem da pregação expositiva. A palavra de Deus é alimento para a alma, mente e espírito. Na pregação expositiva, o pregador não tem de impor categorias “evangelísticas” ou “de edificação” ao seu sermão. A Palavra de Deus destina-se a ser todas as coisas para toda a humanidade. Ela traz o novo nascimento a alguns e concede edificação moral a outros, segundo o desejo do Espírito (LACHLER, 1990, p. 55)

Esse nutrir, na perspectiva bakhtiniana, corresponderia ao dialogismo, interação viva entre duas consciências. *A Palavra de Deus destina-se a ser todas as coisas para toda a humanidade*. Interessante que Bakhtin nos dirá que, acerca da metodologia das ciências humanas, há dois limites existentes, um é o conhecimento da coisa (morta) – quando eu me

volto para mim mesmo [monologismo] e outro o conhecimento do indivíduo, enquanto objeto prático e vivo [quando eu me volto para o outro, dialogismo]. Esse segundo limite é “a ideia de Deus em presença de Deus, o diálogo, a interrogação, a prece” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 394).

Diante do exposto, vemos que há uma proposta, por parte do autor, de que o sermão seja externado e produzido de forma a alcançar a todos, a voz tem de ser clara, estar entre o objetivo e o subjetivo, deve haver um escorrimento semântico entre a teoria e a prática, para que os ouvintes compreendam tudo o que está sendo exposto pelo pregador. Assim, ao discorrer sobre *O todo semântico da Personagem* (Estética da Criação Verbal, 2006), especificamente sobre três valores autobiográficos individualistas (p.143), Bakhtin afirma que

A concepção filosófica, surgida à base dos elementos essenciais do primeiro tipo de biografia, é a filosofia estetizada de Nietzsche; em parte ela é também a concepção de Jacobi (neste caso há o elemento religioso, a fé); a atual filosofia da vida, de orientação biológica, nutre-se igualmente dos valores biográficos do primeiro tipo, acrescentados de fora. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 147, grifo nosso).

Percebe-se, então, que a nutrição é um plano-ação necessário aos processos axiológicos de criação da personagem porque tal elemento constitui uma gama de valores “comuns na vida e na arte, isto é, pode determinar os atos práticos como objetivos das duas” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 140). Assim, engendram, nas próprias palavras do filósofo russo, valores da *estética da vida*.

Em mesma vertente interpretativa de Lachler, um autor em terreno brasileiro que produz elementares considerações acerca do sermão expositivo é Silva (1992). Considerando a grande variação que este gênero pode assumir a partir das condições a que se submete no processo de enunciação, atestará:

O sermão expositivo... necessariamente assume um caráter mais extenso e progressivo. Define-se este tipo de sermão como aquela mensagem em que uma porção mais ou menos extensa das Escrituras é interpretada em relação a um tema ou assunto.

A escolha da passagem

- Deve ter integridade hermenêutica – tudo o que se expõe deve ser fiel ao texto e argumento principal.
- O contexto deve estar em sintonia direta com o texto e se coadunarem cada detalhe do subtexto e outras formas de expressão.
- Deve ter coesão – um colar de pedras preciosas.

- Deve ter movimento e direção – leva o ouvinte para a frente.
- Deve ter aplicação prática na vida. (SILVA, 1992, p. 25-26).

Conforme se pode observar, um dos aspectos que deve ser utilizado para que ocorra compreensão, por parte do auditório, da enunciação do sermão, é a coesão, o que soa como clareza enunciativa. Quanto a esse aspecto, como categoria essencial para a construção do(s) sentido(s), Silva (1992, p. 83) infere que

O pregador, mais que qualquer outra pessoa, tem a sagrada obrigação de usar linguagem muito clara. Isso é de suma importância, quando se expressa uma lei, quando se escreve um título de propriedade ou coisas assim. Com efeito, tem maior importância ainda na proclamação da Palavra de Deus. Os escribas responsáveis pelo ensino divino no Antigo Testamento eram homens dotados de grande saber. Entretanto, exigia-se deles que, ao ministrar seus ensinamentos, fossem claros e objetivos. “E leram no livro, na lei de Deus; e declarando, e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse” (Ne 8.8).

O entender, *o compreender*, é uma palavra chave na construção dos múltiplos sentidos que podem surgir, durante o percurso enunciativo. Assim, na apresentação do sermão, requer-se um preparo racional por parte do pregador, e que a mensagem englobe assuntos de variados temas. Além disso, temas e assuntos abordados devem ser bem definidos, de forma que o sermão deve ser abarcado por recursos internos e externos que possibilitem ao expositor apresentação clara e objetiva (SILVA, 1992).

Acerca desse contato entre sujeitos no processo de interação, conforme Bakhtin (2006 [1979], p. 395-396): “...o ser da expressão é bilateral: só se realiza na interação entre duas consciências (a do eu e a do outro); é o campo de encontro entre duas consciências, a zona do contato interior entre elas.” Em outras palavras, a unilateralidade (eu-para-mim) não provoca diálogos, logo cai no teorismo do monologismo. Em contrapartida, o sermão deve estar, especificamente em sua enunciabilidade, na esfera dialógica do discurso, e ser construído dentro da proposta dos gêneros do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, que se configura como um ato entre diversos outros atos, damos continuidade às discussões existentes tanto em âmbito nacional quanto internacional. Faz-se importante que o leitor, e pesquisador, ou o analista, sejam responsáveis pela maneira como se apropriam e viabilizam os estudos dos gêneros, os quais são imprescindíveis para que sujeitos profissionais da linguagem realizem seu(s) trabalho(s) com êxito e comprometimento ético.

Estudar os gêneros do discurso, ainda que um tema já tão discutido e reflexo de exaustão, torna-se fundamental para a concretização de modalidades do agir (est)ético que se coloca na perspectiva dialógico-discursiva. Averiguou-se que, ao incidir sobre outros textos, além de *Os gêneros do discurso*, múltiplas vozes se orquestram num conjunto de produções, por parte dos estudiosos do círculo de Bakhtin, ao considerar as dimensões verbal e extraverbal do enunciado, sua arquitetônica. É, portanto, na base da interação dialógico axiológica que se caracterizam os gêneros do discurso, enquanto possibilidades de comunicação e compreensão a vida.

Ao considerarmos que os estudos linguísticos perpassam várias áreas do conhecimento, propomos, aqui, enxergar o sermão expositivo pautado na proposta arquitetônica dos gêneros, desenvolvida por Bakhtin, e cujas proposições são centrais em interação contínua com Volóchinov e Medviédev, os quais abordam a linguagem como interação entre os sujeitos, marcada pela situação e meio social dos indivíduos. Nessa concepção, a linguagem é considerada interação constitutiva da identidade do sujeito. Dessa forma, o estudo aponta para a necessidade de cuidado e comprometimento científico, por parte dos profissionais da linguagem, quanto à mobilidade dos aspectos teórico-metodológicos que circunscrevem uma temática densa e complexa, como a dos gêneros.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4.ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008 [1929].

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979]. p.261- 306.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. (1923-1924). In: **Questões de literatura e de estética** - A Teoria do Romance. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6ª edição. Editora Hucitec - São Paulo, 2010 (1930-1934).

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. **A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo**. Alfa, São Paulo, 56 (2): 2012.p. 371-401.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**: passos para a Pregação expositiva. Trad: Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1990.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O Método Formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

SILVA, Severino Pedreiro da. **Homilética**: o pregador e o sermão. 1ª edição: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1992.

SOBRAL, Adail. **Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática**: novas reflexões. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].